



Pós-Modernismo, Epistemologia e Pesquisa em Educação

Post-Modernism, Epistemology and Educational Research

Postmodernismo, Epistemología y Investigación en Educación

Roberto Araújo da Silva Vasques Rabelo¹

Resumo: Este artigo é uma versão revisada e aprofundada de uma palestra realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Católica de Santos (UNISANTOS). O texto tem como objetivo estimular compreensões sobre o debate entre os conceitos de modernidade e pós-modernidade enquanto noções identificadoras da contemporaneidade. Não obstante, busca-se oferecer respostas à seguinte questão: quais as implicações epistemológicas do pós-modernismo para a pesquisa em Educação? A análise vale-se de hermenêutica sociológica crítica e considera que o debate sobre modernidade e pós-modernidade traz elementos para se discutir fundamentos e concepções da pesquisa em Educação. Portanto, a suposta transição entre a visão epistemológica moderna para outra pós-moderna implica em mudanças paradigmáticas que alteram formas de se pesquisar educação, de modo a incluir diversidade cognitiva e contribuir para a produção de justiça social.

Palavras-chave: Epistemologia. Modernidade. Pós-Modernidade. Pesquisa Educacional.

Abstract: This article is a revised version of a lecture in the Postgraduate Program in Education, at the Catholic University of Santos (UNISANTOS). The text aims to stimulate understanding of the debate between the concepts of modernity and post-modernity as identifying notions of contemporaneity. Nevertheless, we seek to offer answers to the following question: what are the epistemological implications of postmodernism for research in Education? The analysis uses critical sociological hermeneutics and considers that the debate on modernity and post-modernity brings elements to discuss the foundations and concepts of research in Education. Therefore, the supposed transition between the modern epistemological vision and a postmodern one implies paradigmatic changes that alter ways of researching education, in order to include cognitive diversity and contribute to the production of social justice.

Keywords: Epistemology. Modernity. Post-modernity. Educational Research.

1. Graduado em Filosofia e Pedagogia (UNIMES). Mestre e Doutor em Educação (UNISANTOS). Pós-Doutorando em Educação (USP). Atualmente é professor do Centro Universitário Lusiada (UNILUS). E-mail: robertovasquesrabelo@gmail.com

Resumen: Este artículo es una versión revisada de una conferencia en el ámbito del Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Católica de Santos (UNISANTOS). El texto pretende estimular la comprensión del debate entre los conceptos de modernidad y posmodernidad como nociones identificativas de la contemporaneidad. Sin embargo, buscamos ofrecer respuestas a la siguiente pregunta: ¿cuáles son las implicaciones epistemológicas del posmodernismo para la investigación en Educación? El análisis utiliza una hermenéutica sociológica crítica y considera que el debate sobre modernidad y posmodernidad aporta elementos para discutir los fundamentos y conceptos de la investigación en Educación. Por tanto, la supuesta transición entre una visión epistemológica moderna y una posmoderna implica cambios paradigmáticos que alteran las formas de investigar la educación, para incluir la diversidad cognitiva y contribuir a la producción de justicia social.

Palabras-llaves: Epistemología. Modernidad. Postmodernidad. Investigación en Educación.

Introdução

A modernidade, aqui compreendida como o período histórico emergente no século XVI, marcado pelo Iluminismo e a Revolução Industrial, trouxe consigo uma série de transformações sociais, econômicas e culturais. Nesse período, houve a emergência da crença no progresso econômico constante, na razão e na ciência como guias para o desenvolvimento humano. No contexto da educação, a modernidade influenciou a criação de sistemas educacionais formais voltados para a produção de conhecimento baseado em princípios racionais e científicos.

No entanto, a partir do século XX, surgiram questionamentos e críticas à ideia de modernidade e aos aspectos históricos e epistemológicos que a constituíram e constituem. O debate sobre a suposta pós-modernidade ganhou espaço, desafiando certezas e narrativas características da modernidade. Como movimento crítico, o pós-modernismo questiona a ideia de verdade única e dogmática, destacando a pluralidade de perspectivas. Essa abordagem tem impactado diretamente a pesquisa em Educação, porque incentiva a reflexão sobre procedimentos metodológicos empregados em vários estudos desse campo, assim como estimula reflexões sobre a diversidade de experiências e saberes, ressaltando a importância de se considerar contextos locais, históricos e culturais da e na produção de ciência.

As implicações do debate sobre modernidade e pós-modernidade para a pesquisa em Educação são significativas. Os pesquisadores são desafiados a adotar perspectivas epistemológicas flexíveis, interdisciplinares e sensíveis às particularidades culturais. A ênfase na construção social de conhecimento e na valorização de vozes e subjetividades marginalizadas ganhou relevância, estimulando tendências de pesquisa que identificam a alteridade como fundamento importante. Além disso, o pós-modernismo instiga a criticidade em relação às estruturas e práticas educacionais tradicionais, questionando a eficácia de modelos padronizados e propondo alternativas que dialoguem com as condições sociais contemporâneas.

Assim, o debate sobre modernidade e pós-modernidade traz elementos para

se discutir fundamentos e concepções de pesquisa em Educação. Portanto, a suposta transição entre a visão epistemológica moderna para outra pós-moderna implica em mudanças paradigmáticas que alteram formas de entender, pesquisar e praticar educação.

O presente texto é uma versão revisada e aprofundada de uma palestra realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Católica de Santos (UNISANTOS), ocorrida especificamente na disciplina *Epistemologia da Pesquisa em Educação*, e teve como público alunos do curso de Doutorado em Educação. A palestra teve como foco estimular compreensões sobre o debate que envolve os conceitos de modernidade e pós-modernidade como noções identificadoras da contemporaneidade. Não obstante, buscou-se oferecer respostas à seguinte questão: quais as implicações epistemológicas do pós-modernismo para a pesquisa em Educação?

Nesta versão como artigo o estudo aprofunda-se na temática explorada durante a palestra. A análise vale-se de hermenêutica sociológica crítica, especialmente lastreada na obra de Zygmunt Bauman (2015; 2022a; 2022b; 2022c; 2023). Essa fundamentação teórica identifica práticas sociais e eventos históricos como signos culturais que possibilitam entendimentos sobre a existência humana. Ademais, tal perspectiva busca compreender o âmbito cultural no intuito de encontrar caminhos para a construção de justiça social.

O artigo adota caráter ensaístico, dividindo-se em quatro partes. A primeira descreve a modernidade como paradigma histórico, cultural e epistemológico. A segunda seção aponta aspectos da transição paradigmática e a emergência da narrativa pós-modernista. Na terceira parte do texto são apresentadas críticas e propostas epistemológicas do pós-modernismo. A quarta seção reúne alguns desafios do pós-modernismo para a pesquisa em Educação. Finalmente, há considerações sobre a temática discutida.

Modernidade: um paradigma histórico e epistemológico

A modernidade é um paradigma histórico-cultural, ou seja, trata-se de uma “unidade epocal” (Freire, 1987) que integra formas de sentir, pensar e agir. Com essa perspectiva, a modernidade é compreendida como um modo de lidar com emoções, de compreender o mundo e de agir sobre o mundo.

A modernidade se constituiu da articulação entre aspectos históricos e epistemológicos, portanto, entre eventos marcantes do devir existencial humano e o desenvolvimento de estudos nos campos da Teoria do Conhecimento e da História das Ideias (Habermas, 2000; Russell, 2016). A partir dessa articulação, surgiu a modernização

como movimento que integra a emergência, o avanço e a consolidação da sociedade industrial global, caracterizada pelo sistema capitalista de produção, pela ciência moderna como fundamento para a produção e difusão de conhecimento, e pela força geopolítica da cultura ocidental.

Com base nos estudos de Dussel (2005) e Russell (2016), é possível indicar que a modernidade originou-se de marcos históricos relevantes ocorridos no século XVI, qual sejam: (I) o Renascimento, que ofereceu bases para o humanismo e o antropocentrismo modernos; (II) a Reforma Protestante, que rompeu com a hegemonia do cristianismo da Igreja Católica Apostólica Romana; (III) as Grandes Navegações, que possibilitaram a chegada dos europeus às Américas, assim como a descoberta de novas rotas comerciais para África, Oriente Médio e Ásia; (IV) o início da globalização e da colonização; e, (V) o surgimento do capitalismo mercantil, tendo os Estados como agentes do desenvolvimento econômico.

No campo das ideias, a primeira fase da modernidade surgiu com o desenvolvimento do racionalismo e do empirismo, portanto, da ciência moderna como uma nova forma de se compreender a realidade e agir nela, tendo como base métodos dedutivos ou indutivos.

Entre meados do século XVIII e o fim do século XIX, a modernidade começou a consolidar-se em razão da “dupla revolução” ocorrida na Europa, ou seja, a revolução industrial na Inglaterra e a revolução política francesa (Hobsbawm, 2021). Com esses acontecimentos, formaram-se, ainda que de modo incipiente, as sociedades urbanas, industriais e de massa. Não obstante, surgiram novas classes sociais: a burguesia e o proletariado. Nesse mesmo período houve, no plano global, a ampliação da globalização e a formação de imperialismos por parte de nações europeias sobre povos de outras regiões do planeta.

No campo epistemológico, o problema da indução indicado por David Hume (2017 [1748]) apontou desafios ao processo científico. Segundo esse filósofo, métodos indutivos pautados pela observação são também movidos pelo hábito, ou seja, o fato de habituarmos-nos a enxergar o nascer do Sol todas as manhãs não significa necessariamente que ele ocorrerá eternamente. Em outros termos, o problema da indução questiona a validade lógica da inferência indutiva, da qual estabelecemos generalizações a partir de observações passadas para prever eventos futuros. Hume (2017 [1748]) argumentou que não há justificção racional para assumir que eventos futuros seguirão padrões observados no passado, pois essa inferência depende de uma suposição não comprovada de que a natureza é uniforme e totalmente determinada. Em suma, não podemos demonstrar empiricamente que o futuro se assemelhará ao passado, tornando a indução uma base lógica incerta para o conhecimento.

Por conseguinte, a problemática da indução “despertou” Immanuel Kant de seu “sono dogmático” (Kant, 2014 [1783]). Ao ler a obra de Hume, Kant percebeu que o ceticismo crítico desse autor e suas implicações para o conhecimento humano eram profundas. Kant procurou reconciliar o empirismo de Hume com a necessidade de princípios universais e um conhecimento objetivo. Em resposta ao ceticismo de Hume, Kant desenvolveu sua filosofia crítica, especialmente na obra *Crítica da Razão Pura* (Kant, 2017 [1781]).

Para retirar o empirismo do problema da indução, Kant argumentou que, embora a experiência seja fundamental para o conhecimento, existem estruturas mentais inatas que moldam e organizam os dados experimentados por nossos sentidos. Com isso, Kant introduziu as noções de categorias *a priori*, isto é, princípios fundamentais que a mente aplica ao perceber o mundo. Isso permitiu a Kant – e por consequência à tradição epistemológica posterior – preservar a validade das generalizações e a necessidade de princípios científicos, mesmo com as críticas de Hume à indução puramente empírica (Kant, 2017 [1781]).

O problema da indução de Hume motivou Kant a explorar novas abordagens para resolver as tensões entre empirismo e racionalismo e contribuir com o desenvolvimento da filosofia transcendental, uma perspectiva que os integra e articula. Em síntese, não temos condições de conhecer a realidade em sua essência pura e perfeita, mas podemos, mediante articulação entre o entendimento e os sentidos, investigar, analisar e compreender um campo de experiência possível que nos aparece enquanto sujeitos de conhecimento.

A obra kantiana foi fundamental para o desenvolvimento do saber humano, principalmente enquanto base do Iluminismo, um movimento intelectual e cultural caracterizado pela ênfase na razão, na ciência, no pensamento crítico e na produção do conhecimento como meios para alcançar progresso e melhoria social. Desse modo, Kant empregou uma “revolução copernicana” na ordem do conhecimento, posicionando a razão – a faculdade distintiva do ser humano – como condição de recurso universal da humanidade (Kant, 2017 [1781]).

Na virada para o século XIX, e a partir da obra de Kant, Georg Hegel (1992) sugeriu que a trajetória histórica humana seria também o percurso do desenvolvimento da razão. Assim, o progresso da racionalidade seria uma espécie de sentido, um *telos* para o devir humano.

De algum modo, o Iluminismo e a teleologia da razão fundamentaram a identificação da modernidade como projeto progressista e emancipatório, isto é, com sentido de produzir autonomia moral, esclarecimento e ordens sociais perfeitas. No entanto, sabe-se que, historicamente, o projeto moderno não alcançou tais metas, tendo em vis-

ta a produção de novas guerras globais e a crise ecológica, fatos marcantes dos últimos dois séculos.

Considerando a contradição da modernidade como paradigma histórico-cultural, cabe realçar a relevância da obra marxiana no processo para sua compreensão. A lógica que permeava a modernidade até meados do século XIX desconsiderava aspectos contextuais, históricos e concretos que condicionavam (e ainda condicionam) a razão. Karl Marx e Friedrich Engels (1974) exerceram função relevante na ordem do saber moderno ao construir o método materialista-histórico. Ou seja, para esses filósofos, o progresso e o desenvolvimento humano existem, mas o *telos* do devir humano está intrinsecamente ligado aos aspectos materiais e concretos que possibilitam sua (re) produção, os quais também estão permeados por contradições sociológicas (Marx; Engels, 1974 [1847]). Desse modo, conforme Marx e Engels (1974 [1847]), a razão seria uma faculdade humana historicamente, culturalmente e materialmente condicionada.

Assim, o paradigma moderno alcançou o século XX carregado de contradições, porque a mesma modernidade que congregava aspectos de desenvolvimento econômico, político e epistemológico também trazia consigo a ampliação da desigualdade social, a alienação do trabalho e o surgimento do consumo de massa.

Na primeira metade do século XX, a modernidade passou por um rápido processo de intensificação, especialmente a partir: (I) de novas abordagens administrativas, baseadas na instrumentalização da razão, como a Organização Racional do Trabalho (ORT) de Fredrik Taylor, o *taylorismo*, e a linha de produção em massa de Henry Ford, o *fordismo*; (II) do surgimento de novas mídias de massa, como o rádio, o cinema e a televisão; (III) de meios de transporte mais rápidos, como automóveis e aviões. Ademais, foi nesse período da modernidade que ocorreram as duas grandes guerras mundiais e o início do embate entre o socialismo soviético e o capitalismo ocidental.

A modernidade, como paradigma cultural e social, traz consigo uma notável contradição entre a produção simultânea de ordem e caos. Por um lado, o *ethos* moderno busca racionalizar, sistematizar e estabelecer padrões produtores de ordem social, econômica e política. Instituições burocráticas, leis e regulamentações são criadas de modo a trazer estabilidade e previsibilidade. Por outro lado, a própria dinâmica da modernidade, impulsionada pelo progresso tecnológico, pela razão criativa e a busca incessante pelo novo, muitas vezes introduz elementos disruptivos e caóticos. As rápidas mudanças sociais, a globalização e as inovações constantes desafiam estruturas estabelecidas, o que tende a gerar incertezas e desconfortos. Portanto, enquanto busca o progresso e a ordem, a modernidade inerentemente produz um contraponto de caos, destacando a tensão intrínseca entre a busca por estabilidade e segurança e as forças dinâmicas que constantemente questionam e reconfiguram as bases dessa ordem.

Aspectos históricos atuais, transição paradigmática e o pós-modernismo

A intensificação da modernidade ao longo do século XX trouxe reverberações que implicaram e ainda implicam práticas e instituições sociais. Desde meados do século passado, estudiosos de diversos campos de conhecimento têm indicado a formação e a emergência de um novo paradigma histórico-cultural que altera fundamentos antropológicos, éticos, políticos e epistemológicos do devir humano (Lyotard, 1989; Harvey, 2017; Bauman, 2001; Sousa Santos, 2013).

Para Bauman (2001; 2010), esse período pode ser identificado como uma transição paradigmática na qual a modernidade “sólida” tem tido seus fundamentos “diluídos”, donde surge a noção de “modernidade líquida”. Com outra perspectiva, Sousa Santos (2013) afirma que essa transição seria a passagem da modernidade para um novo período histórico-cultural que, na falta de melhor nome, tem sido chamado de pós-modernidade.

Mesmo com termos variados, isto é, modernidade líquida, modernidade tardia, transição paradigmática ou pós-modernidade, o que tem sido observado é o surgimento de alterações e intensificações em elementos característicos da modernidade. Nesse sentido, Moraes (1996) aponta que pós-modernidade seria um termo “guarda-chuva”, algo comum nas Ciências Humanas, uma vez que expressões desse tipo carregam elevada polissemia. Desse modo, pode-se compreender o pós-modernismo como um movimento que envolve críticas epistemológicas às bases da modernidade e integra narrativas sobre uma suposta superação de seus fundamentos histórico-culturais.

Essas críticas de ordem epistêmica procedem de Friedrich Nietzsche, filósofo alemão do século XIX. Parte-se do pressuposto de que o pensamento nietzschiano exerceu forte influência no movimento pós-moderno, especialmente por sua defesa do perspectivismo epistemológico e pelas críticas contundentes à modernidade. De certa maneira, tendo em vista que Nietzsche também viveu na modernidade, é possível indicar que as críticas à racionalidade moderna vêm de seu interior. Assim, o pós-modernismo também pode ser compreendido como um gesto de “olhar a si mesmo no espelho” por parte da modernidade.

Todavia, em termos históricos não houve ruptura total com aspectos constitutivos da modernidade, mas sim alterações, atualizações e/ou intensificações. Dessa forma torna-se mais acertado afirmar que estamos a vivenciar uma fase de transição paradigmática, sem termos um nome adequado que defina precisamente o novo período em gestação.

Não obstante, o movimento pós-modernista - compreendido como conjunto de

discursos críticos à modernidade - trouxe questionamentos às bases da produção de conhecimento em geral. Nesse sentido, torna-se interessante compreendê-lo para que nos seja possível reorganizar e refletir sobre práticas científicas.

Pode-se identificar três fases do pós-modernismo, isto é: a primeira, entre 1870 e 1950, onde Federico de Onís² usa o termo pós-modernismo pela primeira vez no campo das artes, e Nietzsche faz duras críticas à tradição ocidental; a segunda, entre 1950 e 1980, na qual o trabalho de Jean-François Lyotard (1989) sugere a descrença em metanarrativas e donde a ideia de pós-modernidade ganha força e recebe críticas – em especial a de Habermas (2000); e uma terceira fase, inaugurada em 1980 e que se estende até os dias atuais, na qual o conceito de classe social se expande e o pós-modernismo recebe influências e se articula aos estudos decoloniais, de gênero, feministas, antirracistas, entre outros.

Como interregno, a transição paradigmática é um período crítico de crises e oportunidades. Para Bauman (2021), podemos agir tanto para a formação de uma sociedade global emancipatória, comunitária, solidária e cooperativa, quanto para manter o *status quo* e consolidar condições sociais desiguais, desumanas e indignas.

Em termos históricos, podemos identificar na transição paradigmática alguns aspectos ocorridos desde 1950, tais como: (I) a consolidação da globalização e a crise do Estado-Nação; (II) o fim do Estado de Bem-Estar, a emergência de políticas neoliberais e a ascensão do capitalismo rentista; (III) os movimentos de 1968, a contracultura e a recente cultura *woke*³; (IV) a queda do Muro de Berlim, o fim do socialismo soviético e a ascensão do socialismo chinês; (V) o surgimento e a difusão de novas tecnologias da informação e comunicação, como microcomputadores, celulares, internet, redes sociais digitais e inteligências artificiais; e (VI) a expansão do transporte aéreo e de drones. Destaca-se que esses elementos têm impactado práticas e instituições sociais em geral.

Sociologicamente, os elementos mencionados anteriormente têm diluído a modernidade sólida fundada na racionalidade, na ideia de progresso indiscriminado e na busca pela formação de uma ordem social ideal (Bauman, 1999; 2001). Segundo Bauman (2001) e Harvey (2017), as características da transição paradigmática geraram, entre outros elementos: ética individualista e competitiva que fragiliza relações humanas; cultura de consumo exagerado, com produção de lixo em demasia e a crise ecológica; percepções de compressão de espaço-tempo, de modo que a vida nos parece mais

2. Federino de Onís (1885-1966) foi um escritor e crítico literário espanhol.

3. Cultura "*woke*" refere-se a uma mentalidade socialmente consciente e progressista, atenta e sensível às questões de justiça e diversidade social. A expressão geralmente denota uma postura crítica em relação a desigualdades sistêmicas, discriminação e questões sociais, buscando promover conscientização e mudança social. No entanto, o termo também pode ser objeto de debate, sendo algumas vezes usado de forma pejorativa para descrever uma excessiva postura politicamente correta.

rápida, acelerada, frágil e “líquida”; dualismo de vida on-line e off-line, identificado em usos contemporâneos da internet, de novas mídias e redes sociais digitais; divisão política, marcada pelo extremismo ideológico e ausência de diálogo; e, finalmente, o aprofundamento da desigualdade social.

Se olharmos para o horizonte futuro, o processo de transição paradigmática aponta para avanços da engenharia genética, da robótica e inteligências artificiais; o interesse na colonização de outros espaços no cosmos, como Marte; o aumento da longevidade humana; e o aprofundamento da desigualdade, tornando poucos muito ricos e muitos cada vez mais pobres (Harari, 2016). Urge, desse modo, a importância da Filosofia da Ciência como prática reflexiva sobre a ética do e no desenvolvimento tecnológico. Portanto, torna-se imprescindível compreender as implicações epistemológicas do pós-modernismo à produção de conhecimento em geral.

Críticas e propostas epistemológicas do pós-modernismo

Ao considerar os elementos históricos que compõem a narrativa pós-modernista, insurge a relevância de se entender a dimensão epistemológica de suas críticas. O pós-modernismo critica, principalmente, o caráter universal da razão. Não se trata de uma crítica que defende a irracionalidade, mas que aponta a faculdade humana da razão como algo historicamente e contextualmente determinado. Nesse sentido não haveria sujeito universal, como na modernidade tradicional, mas uma racionalidade marcada pela diversidade. Sendo assim, esse perspectivismo epistemológico rompe com o etnocentrismo e o eurocentrismo que marcaram - e ainda marcam - o cânone epistemológico ocidental.

Uma outra crítica endereça-se à instrumentalização da razão. Infelizmente, ao longo dos últimos séculos a racionalidade instrumental auxiliou na produção de genocídios, de epistemicídios e na formação da ideia de progresso econômico acrítico e indiscriminado. Tais aspectos contribuíram para a destruição em massa e para a degradação ambiental.

Esses aspectos estão articulados à ilusória pretensão de construção de ordens sociais ideais e perfeitas, característica marcante do paradigma moderno. Em outras palavras, a mesma modernidade que emancipa pelo desenvolvimento da razão crítica, esclarecida e libertária, também controla, domina e subjuga via racionalidade controladora, industrial e maquinica.

Em síntese, o pós-modernismo critica a noção de progresso universal, contínuo e constante da razão, uma vez que a racionalidade também pode posicionar-se de modo destrutivo e encontrar-se em condição de alienação. Com isso, hodiernamente pode-

mos identificar esses elementos em práticas negacionistas, negligentes em relação à crise ecológica global, e na difusão de *fake news* e *deepfakes*⁴.

A partir das críticas do pós-modernismo, uma questão se levanta: ainda é ou seria possível uma epistemologia universal, ou seja, que contemple e analise a realidade de modo totalizante?

Cabe realçar que as críticas pós-modernistas não abandonam completamente os fundamentos modernos, mas os colocam em condição de suspeita. Nesse sentido os trabalhos de Sousa Santos (2007) e Quijano (2005) são relevantes, porque apontam a formação da linha abissal e da colonialidade de poder como elementos característicos da modernidade.

A linha abissal divide os saberes globais, posicionando hierarquicamente a cultura e o conhecimento produzido por povos subalternizados no processo de colonização como inferiores em relação à tradição epistêmica de países hegemônicos do ocidente (Sousa Santos, 2007).

Essa linha abissal entrecruza-se com a dinâmica colonial de poder. Dessa forma, segundo Quijano (2005), a colonização histórica avançou para o campo da subjetividade, formando aquilo que esse autor identifica como “colonialidade”. A colonialidade é um processo interseccional de dominação, portanto, um regime de opressões difusas que em alguns momentos se articulam e potencializam. Assim, teríamos não somente a opressão entre classes sociais econômicas, mas também a opressão de gênero (que tem o patriarcado como sistema opressor), de raça (que integra o racismo), de etnias (que compõe o nacionalismo) e de saberes (que permeia o cientificismo).

Contudo, o pós-modernismo não se restringe a críticas. Há também propostas, sugestões e outros direcionamentos epistemológicos sugeridos por estudos pós-modernos. Nietzsche, por exemplo, aponta a possibilidade de uma “gaia ciência” (Nietzsche, 2017 [1882]), isto é, uma ciência alegre, que também integra emoção e vontade na lógica da produção de conhecimento.

O pós-modernismo também aponta para uma ciência que “abraçe” a pluralidade de métodos e o perspectivismo epistêmico (Sousa Santos, 2002). Por conseguinte, as vertentes pós-modernas defendem uma ciência que se questiona, se critica, se falseia e, principalmente, convive com a “ecologia de saberes”, posicionando-se como saber que adota rigor metodológico (Sousa Santos, 2007). Um rigor que compreende a exposição e apresentação de suas limitações durante o percurso da construção de conhecimento.

4. *Deepfakes* são vídeos, imagens ou áudios manipulados por inteligência artificial para criar conteúdos falsos com a intenção de enganar ou iludir espectadores. Essa tecnologia utiliza algoritmos complexos para, por exemplo, substituir o rosto de uma pessoa em um vídeo por outro, além de poder manipular expressões faciais, movimentos e até mesmo vozes. Essa modalidade de produção de conteúdo levanta preocupações significativas relacionadas à difusão de desinformação, ataques à reputação de pessoas e ameaças à integridade de dados e comunicações.

Pós-modernismo e epistemologia: desafios para a pesquisa em Educação

O maior desafio para o processo de produção científica apontado pelo pós-modernismo talvez seja a disputa entre dogmatismo e relativismo, entre verdade única e múltiplas verdades. De modo radical, trata-se do confronto entre dogma e nenhuma verdade ou, para usar termos comuns, populares e atuais, entre “certeza total” e “pós-verdade”.

O fato de o pós-modernismo criticar a racionalidade etnocêntrica e cientificista abre margens para a relativização da ciência e fragiliza suas características como saber rigoroso fundado na busca pela verdade. No entanto, criticar a razão eurocêntrica e a ciência com matriz experimental ou positivista não significa necessariamente o abandono completo do racionalismo e a defesa intransigente do relativismo. Pelo contrário, essa crítica somente aponta e sugere a importância da reflexão sobre o saber-fazer científico, de modo a coibir uma ciência acrítica, instrumental e eticamente irresponsável.

O pós-modernismo reacende a importância da dúvida, portanto, a inexorabilidade de do questionar-se no processo de produção de conhecimento e incentiva o questionamento constante. Dessa forma, torna-se relevante a proposta de Dutra (2001), qual seja, a importância da análise da pragmática da investigação científica como fundamento epistemológico.

A análise da pragmática da investigação científica busca estudar e evidenciar como uma pesquisa é feita, quais os seus métodos, seus fundamentos, seus sentidos éticos e políticos. Tal gesto coloca a investigação na condição de objeto a ser interpretado, criticado, negado ou reforçado, a depender de seu contexto de produção.

Diretamente, para a pesquisa em Educação, as propostas do pós-modernismo apontam: (I) a necessidade de se considerar dados como aproximações ou construções provisórias de conhecimento sujeitas a mutações; (II) a importância da diversidade de perspectivas ontológicas, cosmológicas, antropológicas e epistemológicas de sujeitos pesquisadores e pesquisados; (III) a urgência de se ouvir vozes silenciadas, como no caso de pretos, mulheres, indígenas e a população LGBTQIA+; e (IV) de não se perder de vista o contexto de desigualdade social global e a relevância do saber-fazer científico diante do negacionismo e do relativismo contemporâneos.

No caso brasileiro, o contexto de pesquisa em Educação integra condições relevantes que não podem ser negligenciadas no processo de construção científica. Há que se ponderar sobre a forte expansão da educação à distância, especialmente na formação inicial de professores; a grande população com baixos salários e pouco poder aquisitivo; a precarização do trabalho docente, a baixa remuneração e a desvalorização

dessa profissionalidade; o racismo estrutural; a desigualdade de gênero; a dificuldade de acesso a computadores e internet de boa qualidade; e, finalmente, a dimensão do analfabetismo funcional que ainda assola o país.

Considerações Finais

Um dos aspectos que distingue o ser humano de outros seres é a capacidade de imaginar. Humanos não somente imaginam, como também transformam seu imaginário em realidade. A atividade humana é consequência da fusão entre mente e corpo, entre espírito e matéria. Assim, o ser humano é um ser de *práxis*.

Se podemos imaginar uma vida digna global e uma sociedade internacional cooperativa, solidária e comunitária, onde humanos convivam de modo socialmente justo e harmônico; se nos é possível imaginar um futuro melhor, por que não conseguimos construí-lo? Afinal, queremos esse futuro? Se o desejamos, por que ele não ocorre? Ademais, seria a pesquisa em Educação capaz de auxiliar na construção de dignidade global? Essas perguntas são de difícil resposta, mas indicam os desafios que permeiam a pesquisa educacional na contemporaneidade.

O ser humano é um ser cultural, capaz de adaptar e transformar o ambiente para nele viver melhor. O conhecimento humano é um recurso de compreensão da realidade e um fundamento para a (re)produção existencial. Todavia, o conhecimento forma-se em um processo contraditório, na luta entre múltiplas interpretações do real, o que faz de sua construção um fenômeno complexo e multidimensional.

Como movimento epistemológico, o pós-modernismo indica a necessidade de se considerar a diversidade subjetiva, a alteridade e a polifonia epistêmica. Para a pesquisa em Educação, o pós-modernismo aponta a importância do outro, do diálogo e a urgência de compreender e reorientar fundamentos que fizeram da modernidade um paradigma hegemônico, mas profundamente contraditório; um período histórico-cultural que congregou o desenvolvimento da razão, a busca pela emancipação social e a produção de dispositivos de controle e dominação.

Um desafio importante do debate sobre a transição paradigmática para a pesquisa em Educação é o apontamento para se (re)construir esperança em contexto tão adverso. Ou seja, a educação é um fenômeno humano complexo, fundado em valores éticos e políticos, e que contribui para a construção de práticas e instituições sociais. Portanto, a necessidade do resgate da esperança enquanto espírito proativo diante de problemas globais graves se impõe urgentemente, e agentes educativos, sejam eles pesquisadores ou não, podem auxiliar nessa tarefa. Por certo, trata-se de um trabalho difícil, porém possível de ser realizado na contemporaneidade.

Este artigo buscou contribuir com o campo de estudos sobre modernidade e pós-modernismo, bem como suas implicações à Educação. Espera-se que este texto tanto possa estimular novas investigações, quanto ampliar olhares sobre o processo de transição paradigmática e as demandas contemporâneas que atingem a educação, seja como fenômeno humano, prática social ou objeto de pesquisa.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar. 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar. 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Legisladores e intérpretes: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais**. Rio de Janeiro: Zahar. 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Para que serve a Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar. 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. **A Ética é possível num mundo de consumidores?** Rio de Janeiro: Zahar. 2021.
- BAUMAN, Zygmunt. **Esboços de uma Teoria da Cultura**. Rio de Janeiro: Zahar. 2022a.
- BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar. 2022b.
- BAUMAN, Zygmunt. **Hermenêutica e ciência social: abordagens da compreensão**. São Paulo: Editora UNESP. 2022c.
- BAUMAN, Zygmunt. **Para uma sociologia crítica: um ensaio sobre o senso comum e a emancipação**. São Paulo: Editora UNESP. 2023.
- DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO. p. 24-34. 2005.
- DUTRA, Luiz Henrique de Araújo. **Verdade e Investigação: o problema da verdade na teoria do conhecimento**. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária (EPU). 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.
- HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade: doze lições**. São Paulo: Martins Fontes. 2000.
- HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras. 2016.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 26ª. reimp. São Paulo: Loyola. 2017.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Vozes. 1992.
- HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções, 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2021.
- HUME, David. **Investigação sobre o entendimento humano**. São Paulo: Lafonte. 2017.
- KANT, Immanuel. **Prolegômenos a qualquer metafísica futura que possa apresentar-se como ciência**. São Paulo: Estação Liberdade. 2014.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2017.
- LYOTARD, Jean François. **A condição pós-moderna**. 12ª. ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio. 2009.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**: crítica da filosofia alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feuerbach, Bruno Bauer e Stirner, e do socialismo alemão na dos seus diferentes profetas. Vol. 1. Lisboa: Presença. 1974.

MORAES, Maria Célia Marcondes. Os “pós-ismos” e outras querelas ideológicas. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 14, n. 25, p. 45-59. 1996.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. São Paulo: Lafonte. 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO. p. 227-278. 2005.

RUSSELL, Bertrand. **História do pensamento ocidental**: a aventura dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2016.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Introdução a uma Ciência Pós-Moderna**. Porto: Afrontamento. 2002.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos (CEBRAP)**, v. 79, p. 71-94, nov. 2007.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Pela Mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 14ª. ed. São Paulo: Cortez. 2013.

Recebido em: 25 de fevereiro de 2024

Aprovado em: 5 de março de 2024